

Os Diferentes Olhares Sobre o Caso da Festa da Revista Vogue Brasil: Acepções e Perspectivas Críticas

Different Views About the Vogue Brazil Magazine Party: Conceptions and Critical Perspectives

Felipe de Souza Oliveira*, Igor Pires Zem El-Dine**, Cláudio Márcio do Carmo***

RESUMO: O presente trabalho discute alguns dos processos de naturalização de práticas sociodiscursivas racistas na sociedade brasileira, tendo como foco os preconceitos evocados em meios midiáticos, os quais reverberam elementos de simplificação e estabilização de saberes de mundo. Para tanto, utilizamos como material de análise algumas repercussões causadas pela festa de 50 anos da diretora da revista Vogue Brasil, Donata Meirelles, e a sua declaração após o surgimento de polêmicas que envolveram o evento, uma vez que os trajes usados pelas baianas remetiam ao período colonial. Assim, diversas personalidades da mídia se pronunciaram sobre o acontecido em suas redes sociais, como a historiadora Lilia Schwarcz, a atriz Taís Araújo e a cantora Elza Soares. O objetivo central é analisar discursivamente a reprodução desse caso por meio de diversas vozes sociais, verificando os efeitos de sentido engendrados no/pelo discurso dos atores sociais mencionados. Como metodologia, utilizamos os pressupostos teóricos dos Estudos Críticos do Discurso de Teun A. van Dijk (2008a, 2008b; 2015) para uma análise estrutural discursiva, observando os modos utilizados para se fazer a acusação e/ou a denúncia de racismo nas referidas postagens nas redes sociais. Além disso, utilizaremos as reflexões de Almeida (2018) em relação ao racismo estrutural. Como resultados, descrevemos uma necessidade de discutir e conscientizar as pessoas sobre questões etnicorraciais para que a sociedade consiga ver o Outro para além da história, a fim de se engajar na luta antirracista e de transformação da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Críticos do Discurso (ECD); Racismo Estrutural; Rede Social.

ABSTRACT: The present work discusses some of the naturalization processes of racist sociodiscursive practices in Brazilian society, focusing on prejudices evoked by media, which reverberate elements of simplification and stabilization of world knowledge. For this, we analyzed some repercussions caused by Vogue Brazil magazine director's 50th birthday party, Donata Meirelles, and her statement after the emergence of controversies involving the event, since the costumes worn by the Bahians referred to the colonial period. Thus,

* Mestrando do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/CAPES). E-mail: felipe.souza.oliveira@gmail.com

** Mestrando do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/CAPES). E-mail: igorpzem@gmail.com

*** Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/CNPq). E-mail: claudius@ufs.edu.br

 10.46230/2674-8266-11-2915

Distribuído sob



several media personalities spoke about what happened on their social media profiles, such as singer Elza Soares, historian Lilia Schwarcz and actress Taís Araújo. The central objective is to discursively analyze the reproduction of this case through different social voices, verifying the meaning effects engendered in and by the discourse of the social actors mentioned. We will use the theoretical assumptions of the Critical Discourse Studies of Teun A. van Dijk (2008a, b; 2015) as our methodology for a discursive structural analysis, observing the ways used to make the accusation and/or the denunciation of racism in these social network posts. In addition, we will use Almeida's (2018) reflections on structural racism. As a result, we point out the need to discuss and make people aware of ethno-racial issues so that society can see black people beyond history in order to engage in the anti-racist struggle and transformation in society.

KEYWORDS: Critical Discursive Studies; Structural Racism; Social Network.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade brasileira, as práticas racistas se perpetuam de maneira continuada. O racismo, por exemplo, é expresso na sociedade, mas nem sempre combatido. Assim, os corpos negros historicamente marcados pelo período escravocrata sofrem com o chamado *racismo estrutural* (ALMEIDA, 2018). Para Almeida (2018), há diferentes tipos de racismo, dependendo da maneira como ele se manifesta, pois pode ser *individualista*, quando relacionado à subjetividade; *institucional*, quando associado ao estado e *estrutural* quando se referir à sua manifestação latente na economia e em outras esferas da vida cotidiana. Dentro dessa perspectiva, ele se desenvolve na própria estrutura social, muitas vezes, de maneira naturalizada nas relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares, dentre outras. Por isso, para o autor, o racismo não pode ser considerado uma patologia ou desordem institucional, implicando que ele se tornou uma norma e não apenas um desvio social.

De acordo com Hooks (2019, p. 46), “a maioria das pessoas nessa sociedade não quer admitir abertamente que ódio e medo estão entre os primeiros sinais que a ‘negritude’ evoca na imaginação pública dos brancos [...]”. Nesse sentido, a sociedade dissemina violência a homens e mulheres negras.

Um dos meios de propagação das práticas racistas é através dos veículos midiáticos, que além de disseminarem informações ao grande público, buscam também uma forma de homogeneização da sociedade e amaciamento dos conflitos sociais (SANTOS, 2003, p. 69). As redes sociais também cumprem essa função hoje em dia, que antes era exclusiva de mídias tradicionais como o jornal e a televisão. Com o advento da internet, novas formas de comunicação foram criadas, trazendo novas ferramentas e estratégias para disseminar informações no meio digital. Além disso, não somente portais de notícias estão encarregados da transmissão de informações, sendo possível que qualquer usuário noticie fatos e emita opiniões (ALVES; SILVA, 2019).

A foto abaixo publicada na rede social *Instagram* mostra a ex-diretora da revista *Vogue Brasil*, Donata Meirelles, em comemoração ao seu aniversário de 50 anos, na cidade de Salvador, estado da Bahia. Nela, a *socialite* aparece sentada em uma cadeira e ao seu lado duas mulheres negras vestidas com trajes de baianas de festa. A imagem evocou críticas e discussões por fazer alusão ao período da escravidão,

instituindo-se como parte das “convenções que semantizam [...] estruturas visuais que são sócio-histórica e culturalmente construídas e investidas de ideologias” (CARMO, 2014, p. 116). Dessa forma, algumas personalidades se manifestaram sobre o assunto, como a historiadora Lilia Schwarcz, a atriz Taís Araújo e a cantora Elza Soares.

Figura 1 – Foto de Donata Meirelles em comemoração ao seu aniversário de 50 anos



O nosso objeto de pesquisa é analisar discursivamente a reprodução desse acontecimento para verificar nas materialidades linguísticas os efeitos de sentido engendrados no/pelo discurso dos atores sociais mencionados. É pertinente buscar elucidar como cada sujeito se expressa através do seu perfil na rede social, demonstrando no caso específico suas reações quanto à publicação da foto.

Para alcançarmos os objetivos, buscamos, nos princípios dos Estudos Críticos do Discurso, e especialmente, nos estudos de Teun Van Dijk (2008a, 2008b, 2015), os conceitos que fundamentam as nossas análises. No entanto, antes de realizarmos a análise desses quatro atores discursivos, faz-se necessário apresentarmos algumas considerações sobre os pressupostos teóricos e metodológicos, para assim, tecermos as considerações finais.

1 OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO (ECD)

1.1 RACISMO E DISCURSO

Para os Estudos Críticos orientados por Van Dijk (2008b), a abordagem analítica do discurso é um caminho para estudar o racismo e consequentemente entender sua reprodução na sociedade. “O racismo está enraizado no colonialismo e nas subsequentes formas de dominação social, econômica e cultural pelas elites (mais) brancas [...]” (VAN DIJK, 2008b, p. 14). Um outro fator é que o racismo não é inato, mas aprendido por diversos meios ou processos de aquisição ideológica e prática. A sociedade aprende a ser racista com os pais, com as relações sociais, com os meios midiáticos, com as observações diárias e com a interação em sociedades multiétnicas (VAN DIJK, 2008b, p.15), assim, dialogando com Almeida (2008):

o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo novelas brasileiras um indivíduo vai acabar se convencendo que mulheres negras têm uma vocação natural para o emprego doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas estas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2018, p. 51).

Almeida (2018) afirma que apesar dos exageros e generalizações sobre a situação dos negros, pode-se confirmar, através dessas representações imaginárias que, de fato, a maioria das mulheres negras são empregadas domésticas, a maior parte da população encarcerada é negra e os cargos de lideranças em tribunais e em grandes empresas estão geralmente nas mãos de homens brancos. “Mas, na verdade, o que é nos apresentado não é uma *realidade*, mas uma representação do imaginário social acerca das pessoas negras” (ALMEIDA, 2018, p. 51, grifos do autor).

Portanto, não é uma representação da realidade material, mas a representação que temos com estas relações concretas. Ou seja, criamos um imaginário social sobre o negro que percebe a “negritude” como um símbolo do “primitivo” e da selvageria. O negro é apresentado pelos meios midiáticos como “um corpo de grande poder físico, sendo assim, mais ‘desejado’ para a escravidão, e é esse corpo negro mais representado na cultura popular contemporânea como um corpo a ser vigiado, imitado, desejado, possuído” (HOOKS, 2019, p. 86).

As práticas racistas são processos amplamente discursivos e os grupos dominantes brancos aprendem a ser racistas de acordo com as formas de textos ou de falas numa ampla variedade de eventos comunicativos (VAN DIJK, 2008b, p. 15). Esses grupos acreditam nesse imaginário que foi discursivamente construído para esses *Outros*, formulado e reproduzido por e nos processos conversacionais, históricos, reportagens de jornais, livros, pelo discurso político etc. É por essa razão que essas pessoas formam opiniões e atitudes que reproduzem ideologias dominantes, legitimando as práticas racistas.

Munanga (2003) esclarece a pseudocientificidade da própria concepção de raça, contudo, destaca que ela ainda é usada na constituição do imaginário social e das representações coletivas de maneira geral. Especificamente sobre o contexto brasileiro, Gomes (2005, p. 55) observa e explica que “a perpetuação do preconceito racial em nosso país revela [portanto] a existência de um sistema social racista, que possui mecanismos para operar as desigualdades raciais dentro da sociedade”.

É nesse sentido que estudos antropológicos, dentre outros, de maneira inter, multi ou transdisciplinar podem se conectar na busca de compreensão de mazelas sociais que estruturam as sociedades e orientam crenças, pensamentos assimétricos e relações de poder. Com esse viés, Wodak e Reisigl (2018) se esmeram em fazer um apanhado de cinco diferentes abordagens para o estudo do racismo e para uma crítica ao conceito de raça, sendo a primeira delas focada nos preconceitos e estereótipos que figuram como base para o racismo; a segunda, uma abordagem sociocognitiva; a terceira focalizando símbolos coletivos, vertentes discursivas e os diferentes dispositivos que sustentam o racismo; a quarta, fundamentada na psicologia discursiva; e a quinta e última que é adotada pelos autores é a abordagem histórico-discursiva. Esta pretende, a partir do discurso, averiguar as estratégias utilizadas na construção e manutenção de

certos discursos.

Essa abordagem é, portanto, dependente do contexto para verificação (1) dos enunciados em termos de aspectos textuais, cotextuais e codiscursivos nos quais a negociação de sentidos se dá; (2) das relações intertextuais e interdiscursivas produzidas entre os enunciados, textos gêneros e discursos; (3) das variáveis sociais e sociológicas “externas” à língua(gem); e (4) do contexto sociopolítico e histórico aos quais as práticas discursivas se referem (cf. WODAK; REISGL, 2018, p. 585).

Por isso, é perceptível o potencial das abordagens discursivas para o estudo de fenômenos estruturantes e estruturais das sociedades, a partir de uma perspectiva aberta ao diálogo com diferentes disciplinas que se voltam para variados problemas sociais com o intuito de problematizar e gerar possíveis alterações e mudanças nos casos de assimetrias, prejuízos e injustiças, a exemplo do racismo que potencializa a exclusão e sustenta uma história de preconceito, discriminação e injustiça para uma grande parcela da sociedade.

O racismo é um sistema de dominação e de desigualdades sociais, porque se estrutura na relação de grupos de poder que se estabelecem para manter o domínio sobre os *Outros*. Esses grupos submetem os indivíduos a práticas de discriminação, marginalização, exclusão pela representação de crenças, atitudes e ideologias preconceituosas e estereotipadas. As pessoas discriminam os *Outros*, primeiro para legitimar o seu poder, e segundo por acreditar que esses *Outros* são inferiores e têm menos direitos e assim por diante (VAN DIJK, 2015, p. 33). Para Almeida (2018):

o racismo é uma forma sistêmica de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Dessa forma, o racismo se constrói discursivamente pela prática social, ou seja, por meio dos preconceitos racistas expressos e reproduzidos na sociedade. É a partir do quadro teórico e metodológico proposto por Van Dijk (2008b) que iremos analisar as estruturas discursivas.

1.2 AS ESTRUTURAS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Van Dijk (2015) aponta que a análise detalhada das práticas discursivas onde o racismo se manifesta em suas diversas formas é crucial e relevante para o entendimento de sua sutileza. De acordo com o teórico, “precisamos de uma análise do discurso sofisticada para mostrar como essas práticas institucionais estão fundadas em crenças racistas subjacentes, ou para explicar como discurso das elites podem ter efeitos perniciosos sobre a opinião pública” (VAN DIJK, 2015, p. 35). Ainda diz que:

O discurso racista segue o padrão geral de qualquer discurso ideológico, sendo caracterizado por *uma estratégia geral de autoapresentação positiva e de apresentação negativa do outro* em todos os níveis da fala e da escrita. Essa polarização *nós/eles* e as várias maneiras pelas quais as opiniões positivas ou negativas são discursivamente enfatizadas podem ser comprovadas na escolha de temas, itens lexicais, metáforas, hipérbolos, eufemismos, minimização de responsabilidade [...], narração de histórias, argumentação, imagens, apresentação (*layout*) e muitas outras propriedades do discurso. (VAN DIJK, 2015, p. 39, grifos do autor).

Assim, a estratégia principal recai sobre a polarização Nós x Eles, de duas formas: se enfatizam os aspectos positivos do grupo de dentro (Nós), enquanto se salientam os aspectos negativos do grupo de fora (Eles). Sendo o discurso uma prática social quase exclusiva das elites e das instituições simbólicas, como aponta (VAN DIJK, 2015, p. 33), é através dele que o racismo será expresso na sociedade. Porém, é por meio dele que as próprias elites negarão suas práticas racistas como uma estratégia de autoapresentação positiva.

1.3 SISTEMATIZAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* de análise constitui-se de quatro textos publicados na rede social *Instagram*, cujo recorte temporal compreende o mês de fevereiro do ano de 2019. Os textos foram coletados nos perfis da ex-diretora da revista *Vogue* Donata Meirelles, da historiadora Lilia Schwarcz, da atriz Taís Araújo e da cantora Elza Soares.

Pretende-se analisar por meio das postagens como os discursos se projetam no contexto da rede social, verificando os efeitos de sentido engendrados nas materialidades linguístico-discursivas com o propósito de discutir a naturalização de práticas racistas.

2 ANÁLISES E DISCUSSÕES DE DADOS

O primeiro texto foi retirado do perfil, da ex-diretora da revista *Vogue* Brasil, Donata Meirelles¹, na rede social *Instagram*:

Ontem comemorei meus 50 anos em Salvador, cidade de meu marido e que tanto amo. Não era uma festa temática. Como era sexta-feira e a festa foi na Bahia, muitos convidados e o receptivo estavam de branco, como reza a tradição. Mas vale também esclarecer: nas fotos publicadas, a cadeira não era uma cadeira de Sinhá, e sim de candomblé, e as roupas não eram de mucama, mas trajes de baiana de festa. Ainda assim, se causamos uma impressão diferente dessa, peço desculpas. Respeito a Bahia, sua cultura e suas tradições, assim como as baianas, que são Patrimônio Imaterial desta terra que também considero minha e que recebem com tanto carinho os visitantes no aeroporto, nas ruas e nas festas. Mas, como dizia Juscelino, com erro não há compromisso e, como diz o samba, perdão foi feito para pedir.

- (1) **Não** era uma festa temática
- (2) (...) a cadeira **não** era uma cadeira de Sinhá
- (3) (...) as roupas **não** eram de mucama

Uma das formas de negação do racismo é a justificativa, onde “o ato não é negado, mas nega-se seu caráter preconceituoso e afirma explicitamente que ele foi justificado” (VAN DIJK, 2008a, p. 164). A realização da festa não pode ser contestada, assim como a presença das cadeiras e roupas que remetem a sinhás e mucamas. A estratégia utilizada é a de justificar o seu uso e tentar eliminar a sua ligação com práticas racistas. No entanto, é relevante considerar que toda negação pressupõe a afirmação do que foi

¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Btq5iMBh9Xb>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

negado de alguma maneira. Essa pressuposição é, em certa medida, manipulativa, pois não permitiria uma aferição segura, no sentido de poder ser desafiada ou posta claramente à prova (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p. 156). O motivo de a festa aparentar ser temática é validado pelo fato de o evento ter ocorrido numa sexta-feira e a maioria das pessoas usarem branco em louvor a Oxalá, conforme a tradição do estado da Bahia. A cadeira e as roupas usadas também são fundamentadas como sendo de candomblé e trajes de baiana de festa, para afastar a comparação com vestimentas de sinhá e mucama. Entretanto, mesmo no Candomblé, as cadeiras são símbolo de *status* para o Babalorixá ou para a Ialorixá. Van Dijk (2008a, p. 160, grifos do autor) diz que atitudes como essa configuram uma estratégia de *defesa*, onde as pessoas podem, por exemplo, negar ter participado de ações condenáveis como uma forma de se defender de acusações que lhe foram feitas *de fato* por um dado interlocutor. Uma outra forma de negar o racismo é através da negação da intenção, onde

alguém pode admitir a participação em uma ação que pode ser interpretada como negativa, mas ao mesmo tempo não admitir sua contrapartida cognitiva: “eu não queria dizer isso”. Isto é, em estratégias de defesa, a condição central da responsabilidade pelo ato negativo reside nas intenções [...]. (VAN DIJK, 2008a, 160-161).

Dessa forma, negar a intenção racista se configura como uma estratégia de defesa bastante eficaz, uma vez que é difícil de se provar as intenções dos indivíduos. Pode-se ver essa estratégia no excerto (4):

(4) Ainda assim, **se** causamos uma impressão diferente dessa, peço desculpas.

O pedido de desculpas, ainda em (4), indica uma autoapresentação positiva, fenômeno em que o sujeito busca gerenciar a sua imagem, ao tentar “agir e, conseqüentemente, falar de tal modo que seus interlocutores construam a ‘imagem’ mais positiva possível a respeito delas, ou pelo menos tentar evitar uma imagem negativa” (ARKIN, 1981 *apud* VAN DIJK, 2008, p. 158). Isso se fortalece na medida em que são usadas duas estratégias de atenuação que são o uso da condicional e a escolha do item lexical *impressão*, o qual, de certa forma, transfere para o outro possíveis responsabilidades interpretativas que o enunciador pretende construir como equivocadas. Essa estratégia também pode ser encontrada nos excertos (5), (6) e (7), onde Donata Meirelles emprega os verbos *amo*, *respeito* e *considero* para estabelecer uma relação de proximidade com o estado da Bahia, onde a festa foi realizada, e os seus habitantes. Cabe observar que os três verbos são mentais, logo, também de difícil aferição.

(5) (...) Salvador, cidade de meu marido e que tanto **amo**

(6) **Respeito** a Bahia

(7) (...) desta terra que também **considero** minha

Citar a cidade de Salvador e o estado da Bahia explicitamente também contribui para essa aproximação. A enunciativa estabelece uma proximidade com o local e seu povo, diminuindo a tensão Nós x Eles. Para Hooks (2019, p. 47), “em um contexto supremacista branco, ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e

ameaçadora”. Cabe ressaltar, então, que o texto somente foi publicado após a aniversariante ter recebido críticas sobre o teor racista da festa. Ou seja, a sua manifestação de afeto aparece num momento oportuno, como uma estratégia de esquivar de responsabilidades que lhe poderiam ser imputadas e dos julgamentos que já estava sofrendo, bem como um argumento pautado na tentativa de sensibilização e inclusão.

Nota-se, também, o uso da inicial maiúscula em Sinhá, à medida que mucama se mantém com a inicial minúscula, nos excertos (2) e (3), respectivamente. Dessa forma, o pensamento da hierarquia escravocrata acaba sendo reproduzido, apesar da negação do mesmo em todo o texto.

O segundo texto foi retirado do perfil da historiadora Lilia Schwarcz² na rede social *Instagram*:

Eu sinceramente não sei o que está acontecendo conosco! Não se trata de acusar uma pessoa, criar um “bode expiatório” e jogar todas as culpas no colo alheio. Mas alguém me explique o que faz uma diretora de uma famosa revista feminina, a Vogue, dar uma festa de aniversário em Salvador, no dia 8 de fevereiro, em ambiente escravocrata do Brasil colonial? E o que faz uma pessoa se vestir de sinhá, e ficar recebendo os convidados ao lado de duas mucamas? É isso que se chama racismo estrutural! Um racismo tão enraizado que parece invisível. Mas não é. Muito triste esse nosso país que cria essa falsa nostalgia de um passado romântico que jamais existiu. O dia a dia da escravidão foi duro e violento. Não há nada para comemorar ou celebrar. Melhor é refletir e mudar. Todos juntos. (Ps. A diretora da Vogue acaba de pedir perdão. Disse que não era sua intenção mas reconhece o erro.)

Lilia Schwarcz faz críticas à atitude de Donata, ao mesmo tempo em que busca atenuar a distância entre o Nós x Eles.

(8) Eu sinceramente não sei o que está acontecendo **conosco!**

(9) Melhor é refletir e mudar. **Todos juntos.**

Em (8) e (9) a historiadora indica um pensamento globalizante, sendo que se destaca o uso do *nós* inclusivo em (8), considerando todos os cidadãos brasileiros como iguais, tendo em destaque em (9) uma estrutura conclamativa. Dessa forma, o racismo é um problema coletivo, que deve ser enfrentado através de um esforço comum. Diferentemente do texto da ex-diretora da revista Vogue, a aproximação do Nós x Eles não se dá como uma tentativa de negar o racismo, e sim de explicitá-lo, indicando a necessidade de tomada de ações.

Há ainda a ênfase de aspectos negativos do Nós, indo de encontro com os quatro organizadores dos discursos de base ideológica de Van Dijk (2008b, p. 18). Como mulher branca e, conseqüentemente, privilegiada pelas estruturas racistas, ao evidenciar críticas à organização da festa, Schwarcz opera de outra forma, como se criasse a categoria “ênfatar os aspectos negativos do Nós”.

(10) Mas alguém me explique o que faz uma diretora de uma famosa revista feminina, a Vogue, **dar uma festa de aniversário** em Salvador, no dia 8 de fevereiro, **em ambiente escravocrata do Brasil colonial? E o que faz uma pessoa se vestir de sinhá, e ficar recebendo os convidados ao lado de duas mucamas?** É isso que se chama **racismo estrutural!** Um racismo tão enraizado **que parece invisível. Mas não é.**

Essa atitude demonstra uma quebra no *status quo*, numa tentativa de modificar as estruturas do racismo institucional e propor uma mudança de comportamento na sociedade. Dessa forma, a historiadora se alinha com o pensamento de Hooks (2019), que elucida:

enquanto andar com pessoas negras e expressar prazer com a cultura negra se tornou “legal” para as pessoas brancas, a maioria das pessoas brancas não sente que esse prazer deveria estar associado a desaprender o racismo. Na realidade, existe com frequência um desejo de aprimorar o status do sujeito no universo da “branquitude”, ainda que o indivíduo se aproprie da cultura negra. (HOOKS, 2019, p. 57).

Ou seja, mesmo usufruindo dos privilégios de ser uma mulher branca, Schwarcz empenha-se na luta antirracista.

O terceiro texto foi retirado do perfil da rede social *Instagram* da atriz Taís Araújo³:

Muitos têm me perguntado sobre a festa da Donata. Bom, ela é uma mulher que eu conheço e de quem gosto. O que aconteceu, no entanto, considero um erro, pois a festa foi feita por pessoas que trabalham com IMAGEM e sabem o poder que uma imagem tem. Não acredito que o desejo deles tenha sido retratar o Brasil Colônia, um período duro, mas uma IMAGEM fala mais que mil palavras e dez mil desejos. As comparações são inevitáveis. O que aconteceu ali é o que ocorre nesse país construído sobre o racismo, corpos, suor, sangue e lágrimas negros. Esse sofrimento é tão naturalizado que fica difícil para as pessoas que não se identificam com as moças de pé ao lado da cadeira sentirem o que a população negra sente. Tudo fica natural, passa a ser “mimimi”. “Mas agora tudo é racismo?” Bom, lamento dizer que, se “nem tudo é racismo”, é sobre racismo que nossa sociedade foi construída. Mesmo que muitos de nós, negros, brancos e indígenas, não tenhamos consciência; mesmo que seja contra a nossa vontade; mesmo sentindo vergonha, esta é a nossa história. Cabe a nós, adultos, olhar para o nosso país com maturidade e crítica, e educar nossas crianças pra um futuro menos desigual. Reconhecer é um caminho. Errar faz parte do processo e o melhor do erro é ele ser o caminho para o aprendizado. Meu posicionamento sobre racismo estrutural tem sido dado em toda a minha carreira. Basta rolar o feed e você verá que me pronunciei em situações parecidas, como, por exemplo, quando uma marca fez uma estampa “celebrando” a escravidão. Mas evitei comentar quando, recentemente, um menino branco foi fantasiado pela mãe em uma festa como escravo, lembra? Isto porque meu pronunciamento está dado e não mudou. Nem mudará, e não preciso repetir sempre. É tudo a mesma coisa e, como já disse anteriormente, a escravidão deveria estar em livros de história e ter erguido museus para lembrarmos de seu horror e da dor e violência sofridas por seres humanos em mais de 300 anos. Proponho uma reflexão: pq essa imagem continua acontecendo dentro de muitos restaurantes, lugares públicos e lares sem que ninguém se movimente? Pq será que em nosso dia a dia não nos incomodamos e somos coniventes, hein, Brasil?

A postura da atriz Taís Araújo é de unificar a luta antirracista, colocando-a como um dever de todos. A atriz elenca a forma como o racismo está presente de maneira implícita em nossa sociedade, fazendo com que este não seja imediatamente identificável.

- (11) O que aconteceu ali **é o que ocorre nesse país** construído sobre o racismo, corpos, suor, sangue e lágrimas negros.
- (12) Esse sofrimento é tão **naturalizado** que fica difícil para as pessoas que não se identificam com as moças de pé ao lado da cadeira sentirem o que a população negra sente. **Tudo fica natural**, passa a ser “mimimi”.

³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Btv1hoPlbT2>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

- (13) (...) é sobre racismo que nossa sociedade foi **construída. Mesmo** que muitos de nós, negros, brancos e indígenas, não tenhamos consciência; **mesmo** que seja contra a nossa vontade; **mesmo** sentindo vergonha, **esta é a nossa história.**
- (14) **É tudo a mesma coisa** e, como já disse anteriormente, a escravidão deveria estar em livros de história e ter erguido museus para lembrarmos de seu **horror e da dor e violência sofridas** por seres humanos em mais de 300 anos.
- (15) (...) essa imagem **continua acontecendo** dentro de muitos restaurantes, lugares públicos e lares **sem que ninguém se movimente** (...)
- (16) (...) que em nosso dia a dia **não nos incomodamos e somos coniventes** (...)

Sobre a naturalização do racismo, Almeida (2018, p. 48-49) diz que a supremacia branca é politicamente construída e se apresenta em todos os espaços de poder e de prestígio social. A sua manutenção ocorre através de elaborações intelectuais historicamente perpetuadas, que buscam explicar a desigualdade racial e fazem com que mesmo negros e brancos não-racistas normalizem a ausência de indivíduos negros em posições de notoriedade. Taís Araújo aponta para este fato em (16), ao indicar que a naturalização do racismo faz com que todos sejam coniventes com ele.

O texto da atriz denuncia como a nossa sociedade foi construída historicamente por meio da exploração indígena e escravocrata (13). As fotos registradas da festa de aniversário da socialite comprovam ainda o desconhecimento histórico e a naturalização de práticas racistas em nosso país (11). Taís Araújo enfatiza como os corpos negros foram duramente violentados pelo período de escravidão (14) o que remete pensar diretamente nos operadores globais do discurso Nós x Eles.

Esta oposição aparece ainda em (12), ao colocar a população negra de um lado e do outro as pessoas brancas que, por não fazerem parte deste grupo, não entendem os sofrimentos vivenciados por eles, enxergando assim suas reivindicações como banais, “mimimi”. Esse distanciamento deve então ser combatido, pois ele contribui para a perpetuação do racismo.

O quarto texto foi retirado do perfil da rede social *Instagram* da cantora Elza Soares⁴.

Gentem, sou negra e celebro com orgulho a minha raça desde quando não era “elegante” ser negro nesse país. Quando preto não usava o elevador dos “patrões”. Quando pretos motoneiros dos bondes eram substituídos por brancos em festividades com a presença de autoridades de pele branca. Da época em que jogadores de um clube carioca passavam pô de arroz no rosto para entrarem em campo, já que não “pegava bem” ter a pele escura. Desde que os garçons de um famoso hotel carioca não atendiam pretos no restaurante. Éramos invisíveis. Celebro minha raça desde o tempo em que gravadoras não davam coquetel de lançamento para os “discos dos pretos”. Celebro minha origem ancestral desde que “música de preto” era definição de estilo musical. Grito pelo meu povo desde a época em que se um homem famoso se separasse de sua mulher para ficar com uma negra, essa ganhava o “título” de vagabunda, mas não acontecia se próxima tivesse a pele “clara”. Sou bisneta de escrava, neta de escrava forra e minha mãe conhecia na fonte as histórias sobre o flagelo do povo negro. Protesto pelos direitos da minha raça desde que preta não entrava na sala das sinhás. Gentem, essas feridas todas eu carreguei na alma e trago as cicatrizes. A maioria do povo negro brasileiro. Feridas que não se curaram e são cutucadas para mantê-las abertas demonstrando que “lugar de preto é nessa Senzala moderna”, disfarçada, à espreita, como se vigiasse nosso povo. Povo que descende em sua maioria dos negros que colonizaram e construíram o nosso país. Hoje li sobre mais uma “cutucada” na ferida aberta do Brasil Colônia. Não faço juízo de valor sobre quem errou ou se teve intenção de errar. Faço um

alerta! Quer ser elegante? Pense no quanto pode machucar o próximo, sua memória, os flagelos do seu povo, ao escolher um tema para “enfeitar” um momento feliz da vida. Felicidade às custas do constrangimento do próximo, seja ele de qual raça for, não é felicidade, é dor. O limite é tênue. Elegância é ponderar, por mais inocente que sua ação pareça. A carne mais barata do mercado FOI a carne negra e agora NÃO é mais. Gritaremos isso pra quem não compreendeu ainda. Escravizar, nem de brincadeira. Seguimos em luta.

O texto da cantora Elza Soares apresenta a configuração clássica dos discursos de base ideológica, ao apresentar diversos aspectos positivos do Nós e enfatizar os aspectos negativos do Eles, deixando claro seu posicionamento político frente à questão.

(17) (...) sou negra e **celebro com orgulho** minha raça (...)

(18) **Celebro** minha origem ancestral (...)

(19) **Grito** pelo meu povo (...)

(20) **Protesto** pelos direitos da minha raça (...)

As características do povo negro são apresentadas como positivas e dignas de celebração (17), (18), (19), (20); ao passo que atitudes preconceituosas são condenadas, como vemos a seguir em (21) e (22):

(21) Feridas que não se curaram e **são cutucadas** para mantê-las abertas demonstrando que “lugar de preto é nessa Senzala moderna”, disfarçada, à espreita, como se **vigiasse** nosso povo.

(22) Pense no quanto pode **machucar o próximo, sua memória, os flagelos do seu povo**, ao escolher um tema para “enfeitar” um momento feliz da vida. Felicidade às custas do constrangimento do próximo, seja ele de qual raça for, não é felicidade, é **dor**.

Apesar de denunciar atitudes racistas, o excerto (21) utiliza a voz passiva, tirando a ênfase da responsabilidade da ação e se dirigindo aos atos em si. Essa atitude é confirmada em (23):

(23) **Não faço juízo de valor** sobre quem errou ou se teve intenção de errar.

Apesar de fazer duras críticas à sociedade historicamente racista, a cantora evita fazer acusações específicas e apresenta o problema como sendo geral. O repúdio à festa realizada é presente, mas inserido num contexto amplo e estrutural, sem citações diretas ao evento ou menções aos seus realizadores.

Assim, percebemos aspectos importantes da negritude, sendo movimentados; negritude esta entendida como “uma reação racial negra a uma agressão racial branca” (MUNANGA, 2015, p. 15) em que os efeitos da raiz pseudocientífica e biologizante da raça aparece, mas cede espaço para algo mais que, por exemplo, a cor da pele, e busca o esclarecimento e o combate a práticas estruturais de racismo. Assim, a mesma negritude põe em cena e à prova a “história comum que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros” (MUNANGA, 2012, p. 12).

Há uma série de afirmações sobre processos históricos racistas na sociedade brasileira, explicitando de que forma os negros foram e são tratados pela sociedade. Essas considerações podem ser resumidas no quadro 1:

Quadro 1 – Processos históricos racistas mencionados por Elza Soares

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

Ator(es) social(s)	Consequência do racismo
Preto	Não usava o elevador dos patrões
Pretos motorneiros dos bondes	Eram substituídos por brancos
Jogadores	Passavam pó branco no rosto
Ter a pele escura	Não pegava bem
Pretos	Não eram atendidos
Pretos	Eram invisíveis
Pretos	Não tinham coquetel de lançamento
Negra	Ganhava o título de vagabunda
Preta	Não entrava na sala das sinhás
Carne negra	Foi a mais barata do mercado

Fonte: elaborado pelos autores.

As oposições colocadas pela cantora reafirmam a dualidade Nós x Eles, demonstrando como o lugar dos negros era imposto pela sociedade branca e racista. A única agência ↔ ação das pessoas negras presente nos exemplos é o fato de jogadores negros passarem pó branco no rosto para esconder a pele escura. Porém, o episódio é logo sucedido pela sua justificativa, ao dizer que isso era feito porque ter a pele escura não “pegava bem”.

E, de maneira geral, o conjunto de pontos de vista apresentados – ligados ao racismo estrutural e que o sustém – denota uma condição *lato sensu* do próprio preconceito conforme já categorizado por Van Dijk (1984), considerados os 7Ds da Discriminação. Estes muitas vezes usados para “apagamento” das diferentes maneiras de tentar legitimar a distinção do *Outro*, quais sejam: domínio, diferenciação, distanciamento, difusão, diversão, despersonalização e a própria discriminação em si, o que é corroborado também por estudos mais recentes como o de Wodak e Reisigl (2018).

Como deixam claro Wodak e Reisigl (2018, p. 576), o discurso é crucial para criação e reprodução do racismo como prática social e ideológica, pois é discursivamente que ele é perpetuado como crença e atitude, mas também é por meio dele que as práticas racistas e o próprio racismo podem ser criticados, problematizados e combatidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de explicar como as práticas racistas são naturalizadas e enraizadas na sociedade brasileira, verificamos através das análises discursivas como os efeitos de sentidos são produzidos por diferentes olhares. É por meio das subjetividades que esses discursos expressam vivências, sentimentos e percepções raciais individualizadas. As violências racistas interpelam os indivíduos de tal maneira que estas passam a ser concebidas por “normais” em toda a sociedade.

Tais violências são geralmente negadas e o racismo não é compreendido por quem o pratica. Pessoas brancas não veem e não entendem a dor que elas provocam nas pessoas negras via opressão, exploração, feridas e mágoas diárias (HOOKS, 2019, p. 282). É preciso dizer ainda que essa incompreensão por parte principalmente dos brancos desvirtua a construção de identidades de homens e mulheres negras em especial, pela apropriação do lugar e da memória da cultura negra que não são respeitadas.

Ao fazer uma festa na cidade de Salvador, utilizando-se de tradições socioculturais e históricas, a ex-diretora da revista *Vogue*, Donata Meirelles não se atentou para essas questões. Assim, a festa de aniversário transformou-se num “espaço” e num “lugar” oferecidos para aprimorar o paladar dos brancos - que os *Outros* sejam comidos, consumidos e esquecidos (HOOKS, 2019. p. 95). O reconhecimento do erro e o pedido de perdão pelo agressor suavizam as práticas racistas, tornando-as aceitáveis para a sociedade. Expressões como “não tive a intenção”, “não foi isso que eu queria dizer” e “peço perdão se ofendi” confirmam a necessidade de discutirmos mais sobre as questões etnicorraciais, pois:

entendendo como o racismo funciona, [o homem branco] pode ver a forma como a branquitude age para aterrorizar sem ver a si mesmo como mau, ou ver todos os brancos como maus e todos os negros como bons. Repudiar as dicotomias entre “nós e eles” não significa que deveríamos falar das maneiras em que ver o mundo do ponto de vista da “branquitude” pode, de fato, distorcer, impedir o entendimento do modo como o racismo funciona no mundo como um todo e nas interações íntimas. (HOOKS, 2019. p. 314).

Ou seja, é necessário maior conscientização dos cidadãos brancos para que práticas racistas no mundo social e cultural não sejam reproduzidas de modo irresponsável. Todavia, atitudes e ideologias consideradas racistas do grupo branco dominante necessitam ser problematizadas e direcionadas a respeitar os *Outros*, para que as formas de racismo sejam compreendidas como parte de um processo de exploração e de opressão de uma sociedade que procura se transformar.

Quando Munanga (2012, p. 12) conceitua a negritude também como uma “confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas” (MUNANGA, 2012, p. 12), ele demonstra a importância da união como resistência e enfrentamento das práticas racistas. Essa busca de solidariedade pode ser vista também, no domínio acadêmico, como um esforço inter, multi ou transdisciplinar que vise à problematização dos processos sociais em que assimetrias, preconceitos, discriminação e injustiças se ancoram, na promoção de abordagens críticas das diferentes sociedades e culturas. E, nesse sentido, este trabalho procurou ir ao encontro da proposição de Wodak e Reisigl (2018, p. 590), quando afirmaram que “pesquisas futuras sobre discurso e racismo ter[iam] que explicar especificamente seu papel na construção e reprodução discursiva, bem como na desconstrução do ‘Outro’ racializado”.

A análise do caso da *Vogue* Brasil demonstra o quanto as questões raciais ainda carecem de atenção e crítica para desconstrução de uma visão sócio-historicamente construída em conformidade com um racismo estrutural que sustenta desigualdades e constrói barreiras a serem transpostas; o que pode ser conseguido com uma relação de respeito e empatia necessária entre o Eu e o Outro, na construção de uma sociedade mais fraterna e equitativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Y. M.; SILVA, E. M. As narrativas jornalísticas em formato de stories no Instagram e Snapchat. *Âmbitos. Revista Internacional de Comunicación*, Editorial Universidad de Sevilla. [s.l.], n. 44, p.73-92, 2019.

CARMO, C. M. *O lugar da cultura nas teorias de base linguística sistêmico-funcional: multimodalidade e produção de sentido na dança-ritual de Oxóssi*. Curitiba: Appris, 2014.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

MUNANGA, K. *Uma abordagem das noções de raça, racismo e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

_____. Negritude ou identidade negra e afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, Uberlândia, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

_____. *Negritude, usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 2015.

SANTOS, R. Reflexões sobre o racismo no contexto da mídia e das concessões dos meios de comunicação no Brasil. In: *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 203-2012.

VAN DIJK, T. A. *Prejudice in discourse*. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1984.

_____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Racismo e Discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008b.

_____. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 31-48.

WODAK, R.; REISIGL, M. Discourse and racism. In: TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.; SCHIFFRIN, D. (Ed). *The Handbook of Discourse Analysis*. UK: Wiley Blackwell, 2018. p. 576-596.